

Os processos de independência da América espanhola

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

- Compreender como se deu o processo de independência em regiões específicas da América Latina.
- Perceber que apesar de as regiões terem características próprias, elas tinham semelhanças principalmente no que dizia respeito a uma maior autonomia colonial.

ROTEIRO DE ESTUDO

- Seção 1 - A independência do Haiti
- Seção 2 - A independência de Cuba
- Seção 3 - A independência do México
- Seção 2 - A Independência da América do sul

UNIDADE II

pró
LICENCIATURA

Para início de conversa

A fragilidade que se instalou no governo espanhol com a invasão francesa, em 1808, somou-se às ideias iluministas e cruzou o atlântico rumo às colônias americanas. Essas situações deram margem a uma reação dos colonos que se sentiam insatisfeitos diante das imposições do governo espanhol e culminaram no desligamento das colônias com a metrópole. Porém, é preciso realçar que as primeiras manifestações não foram realizadas na intenção de um rompimento total com a coroa espanhola, mas sim no intuito de quebrar as amarras que dificultavam o desenvolvimento econômico das colônias. Entretanto, as independências aconteceram, e são esses processos de independência de algumas regiões da América que analisaremos a partir de agora.

SEÇÃO 1

A independência do Haiti

Nos fins do século XVIII, mais precisamente a partir de 1783, a colônia de Santo Domingos teve um grande crescimento em sua produção econômica. Esse desenvolvimento desencadeou a necessidade de uma maior mão-de-obra para trabalhar nas lavouras. Assim, nos momentos que precediam à revolução francesa (1789), cerca de 30.000 escravos eram enviados por ano para as plantações de Santo Domingos. (BETHELL, 1991)

O desenvolvimento econômico do Haiti também culminou na elevação dos conflitos sociais. Veja agora, caro aluno, como se deu o desfecho desses conflitos.

A relação dos comerciantes e financiadores franceses com os plantadores de Santo Domingos sempre foi conflitante, pois quanto mais prósperos economicamente se tornavam os plantadores, mais eles dependiam dos capitais metropolitanos, especialmente dos comerciantes de escravos. Essa condição despertava nos plantadores de Santo Domingos o desejo de uma maior autonomia para o comércio da ilha.

Os mulatos e negros livres também faziam parte da economia de Santo Domingos. Eles somavam em média 28.000 indivíduos no momento da Revolução Francesa, alguns eram proprietários de terras e de escravos e controlavam um terço da produção local. Embora tivessem uma participação ativa na economia, as relações sociais desses indivíduos com a população branca (40.000 indivíduos que se dividiam entre comerciantes, plantadores, administradores, soldados e artesãos) eram extremamente conflitantes.

A elite de São Domingos não aceitava que indivíduos que tinham antepassados escravos pudessem participar da economia e ascender socialmente, isso a levava a criar leis para deter a ascensão econômica de tais pessoas. Entretanto, como possuíam dinheiro suficiente para custear uma vida social como a dos brancos, esses descendentes de escravos viajavam para estudar na Europa e lá acabavam tendo acesso a ideias revolucionárias que os despertavam para a necessidade de um movimento em prol da luta por maiores direitos aos negros e contribuía para o desenvolvimento desse movimento.

Cientes de que deveriam ser tratados com igualdade, os negros acabavam se organizando em sociedades para reivindicar seus direitos. Em Paris foi organizada a Sociedade *Amigos dos Negros*, uma associação com muito prestígio entre a burguesia liberal

da cidade e que lutava em favor dos direitos dos negros. Os colonos de São Domingos encontraram nessa organização o apoio que precisavam para defender seus direitos. (BETHELL, 1991)

Em 1790, a sociedade enviou Vincent Ogé e seu irmão Jean Baptiste Chavannes a São Domingos. Eles tinham a missão de organizar um movimento armado que objetivava o reconhecimento de seus direitos por parte da França. A revolta fracassou, porém não diminuiu a efervescência revolucionária de Santos Domingos. De um lado os negros livres lutavam pela igualdade, do outro os comerciantes lutavam pela liberdade de comércio. E entre eles estavam os escravos, cuja população somava cerca de 80 a 90% da população de Santo Domingos, embora ninguém se preocupasse com a sua condição.

Portanto, caro aluno, tenha em mente que negros ricos e negros escravos não tinham uma identidade comum, nem objetivos comuns. O que havia em comum entre eles era apenas o pigmento da pele. Dia após dia, nos mercados, nas plantações e nas casas grandes, os escravos ouviam as conversas de seus senhores sobre os movimentos revolucionários na França. Essas conversas acabavam tornando-os conscientes de suas condições e de suas necessidades. Assim, em agosto de 1791, nas plantações do norte de Santo Domingos, estourou uma revolta de escravos que abriu caminho para uma luta que se estenderia pelos anos seguintes.

Para defender suas terras, os mulatos livres e proprietários brancos formaram uma frente comum. Quando descobriram que a os britânicos pretendiam intervir em Santo Domingos para defender os escravos e retirar a colônia das mãos dos franceses, os mulatos e brancos pediram ajuda estrangeira.

Entraram no confronto Espanha, França e Inglaterra; entretanto, em Santo Domingos a aliança entre mulatos e brancos não se manteve por muito tempo, pois a rivalidade entre os grupos era aparentemente mais forte que a causa contra os escravos. Os conflitos continuaram até janeiro de 1804, quando os generais negros proclamaram a independência do Haiti. (BETHELL, 1991)

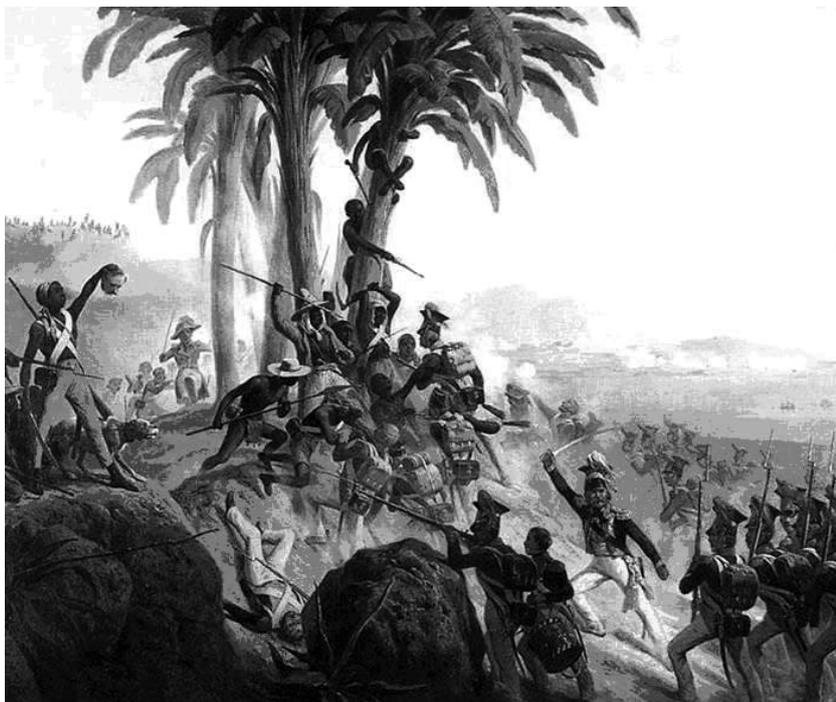


Imagem 01. Batalha de Santo Domingo na versão do pintor polonês January Suchodolski (1797-1875)

Fonte: Acervo Ciência e Vida.

<http://leiturasdabistoria.uol.com.br/ESLH/Edicoes/16/imprime123086.asp>

A independência de Cuba

Em meados do século XVIII o interior da ilha de Cuba era um território praticamente desconhecido pelo resto do mundo. Quase toda sua população e comércio se concentravam na cidade portuária de La Habana. Nessa região viviam aproximadamente 150.000 pessoas; o restante (cerca de 10.000) vivia em pequenas cidades como Santiago de Cuba, Puerto Príncipe e Trindade.

Cuba tinha algumas características que a diferenciava das demais colônias espanholas. Possuía um pequeno número de escravos e um alto número de negros e mulatos livres; eles constituíam um terço da população total. Por ter praticamente toda a economia concentrada em torno do porto, até a segunda metade do século XVIII Cuba se caracterizava como uma colônia predominantemente urbana. (BETHELL, 1991)

A partir da segunda metade do século XVIII, mais precisamente desde 1762, com a ocupação de La Habana pelos britânicos, Cuba transformou-se numa próspera produtora de açúcar. Foi nesse momento também que se iniciou um processo de expansão de seu comércio. Instalaram-se na ilha vendedores de tecidos, de cavalos, de instrumentos metálicos e de equipamentos industriais. Esses comerciantes vinham de todas as partes do império britânico. (BETHELL, 1991)

Conforme cresciam o comércio e as plantações, crescia também a necessidade de uma maior mão de obra. Foram os britânicos que iniciaram o desenvolvimento de um comércio de escravos em Cuba. Em 1763, quando os britânicos se retiraram da ilha, deixaram lá a prática do comércio escravo. Em pouco tempo a escravidão foi assimilada e ampliada pelos colonos, ela se tornaria um dos braços do comércio de Cuba.

Nas últimas décadas do século XVIII, devido à grande necessidade de mão de obra, os comerciantes de escravos da ilha passaram a traficar negros de algumas regiões da África. O governo espanhol não exigia um número exato de escravos que deveriam entrar na ilha, a única exigência era a de que um terço desses indivíduos fosse de mulheres. (BETHELL, 1991)

Quando se deu o colapso da coroa espanhola frente aos franceses, em 1808, Cuba estava em pleno desenvolvimento. O olhar dos americanos caiu sobre a próspera e rica ilha, e foi nesse período conturbado para a Espanha que os Estados Unidos propuseram pela primeira vez a compra da ilha.

A fragilidade espanhola foi um fator relevante para as reivindicações das colônias espanholas na América?

Cientes da fragilidade do governo metropolitano e de que as imposições do sistema colonial se refletiam na economia da região, os colonos passaram a reivindicar maior autonomia. Embora em Cuba as idéias revolucionárias tivessem soado mais timidamente que em outras colônias espanholas na América, os colonos cubanos tinham adquirido a consciência da importância da autonomia da colônia. Essa consciência abriu as portas para a organização de algumas revoltas.

Em 1809, Ramòn de Luz organizou uma conspiração que visava à independência de Cuba. Esse movimento, porém, não foi à frente por uma série de motivos. A grande maioria dos plantadores não queria enfrentar a Espanha e seus guardiões. Muitos realistas (defensores da Espanha) de várias partes da América haviam se instalado ou se refugiado na ilha. Eles também não queriam ver se repetir em Cuba o que havia

acontecido nos anos de luta no Haiti. Apesar desse clima de cautela, ainda houve outras conspirações, como as de José Antonio Aponte e José Francisco Lemus, mas ambas fracassaram em seus propósitos.

Esse clima de cautela se manteve?

Embora vivessem tal clima, os plantadores se sentiam prejudicados pelo sistema colonial, e essa situação só se agravou quando a Inglaterra propôs a abolição da escravatura. No início, os espanhóis se posicionaram contrários ao fim da escravidão, porém, em 1817, eles acabaram sendo convencidos pelos ingleses. Esse fato contribuiu para aumentar a revolta dos cubanos, que tinham na escravidão a base de sua economia.

Assim, a partir da década de 1820 crescia a revolta da colônia contra a metrópole, de forma que tanto a anexação aos Estados Unidos quanto a independência faziam parte do pensamento dos plantadores cubanos. Esse desejo de autonomia da ilha crescia conforme os anos passavam e quanto mais prejudicados pelo sistema colonial os colonos se sentiam, mais desejavam libertar-se das rédeas da Espanha. (BETHELL, 1991)

A anexação de Cuba aos Estados Unidos daria à ilha a oportunidade de manutenção do sistema escravocrata. Em 1848, os Estados Unidos propuseram novamente a compra de Cuba; ofereceram 100 milhões de dólares por ela, mas a proposta foi novamente rejeitada pela Espanha.

Em 1850, sob o comando de uma expedição americana de Nueva Orleães, Narciso López desembarca em Cuba, primeiramente com a intenção de promover a independência da ilha, para posteriormente integrá-la aos Estados Unidos. Embora ele não tenha obtido sucesso, isso não impediu novas tentativas de invasão durante toda a década de 1850. (BETHELL, 1991)

Por que Cuba despertava tanto o interesse norte-americano?

Desde as guerras napoleônicas Cuba havia se transformado na colônia mais rica do mundo, o que explica em grande parte a cobiça pela região. Essa riqueza possibilitava aos colonos a oportunidade de mandar seus filhos estudar na Europa e nos Estados Unidos e assim voltarem para casa com a cabeça cheia de ideias revolucionárias.

Entre 1867 e 1868, instalou-se um forte espírito revolucionário em Cuba. Em 1868, um plantador açucareiro chamado Carlos Manuel de Céspedes deu a liberdade a 147 escravos e criou um exército revolucionário. Esse foi o princípio de uma guerra de dez anos (1868-1878) que terminou na independência da colônia de Cuba. (BETHELL, 1991)



Imagem 02. A independência de Cuba, publicada na revista satírica espanhola La Flanca, em 1873; acima, a Rough Riders, cavalaria voluntária dos Estados Unidos, ataca em San Juan, em Cuba

SEÇÃO 3

A Independência do México

Nos últimos momentos que antecederam a luta de separação da Espanha, o Vice-reino da Nova Espanha (posteriormente México) era a mais rica colônia espanhola. Sua produção de mercadorias e serviços superava a produção de qualquer colônia na América, fosse ela espanhola ou portuguesa. Sua população representava mais de um terço do total da população ultramarina espanhola. Sua capital, a cidade do México, era a maior cidade do império depois de Madri, na Espanha. (BETHELL, 2001)

A agricultura e a pecuária, as quais empregavam cerca de 80% do total de força de trabalho da colônia, produziam juntas quase 39% dos recursos nacionais. O restante da produção concentrava-se em manufaturas, oficinas domésticas, comércio e mineração. Grande parte dessa produção, cerca de nove a dez por cento do total, era remetida aos cofres da coroa espanhola; o restante ficava na colônia, servia para a manutenção do regime colonial. A Espanha proibia a colônia de comercializar com portos estrangeiros, detinha o monopólio sobre produtos e mantinha o controle econômico. Incluía-se ainda nesse leque de privações as restrições administrativas e sociais. (BETHELL, 2001)

Caro aluno, todas as questões expostas nesta seção não eram tão evidentes naquele momento quanto podemos visualizar agora. Porém, eram questões conflitantes e que estavam presentes e influenciavam a vida social e econômica dos grupos que na colônia viviam. Os principais grupos étnicos da Nova Espanha se constituíam em brancos, mestiços e índios, divisões em que cada grupo exercia um conjunto específico de obrigações fiscais, de direitos civis e de prerrogativas sociais e econômicas. Os índios totalizavam 60% da população; as castas, 22%; e os brancos, 18%. Estes últimos estavam racionados entre espanhóis nascidos na América (*criollos*) e os nascidos na Europa (chamados na colônia de *gachupines*), os quais totalizavam apenas dois por cento da população total da Nova Espanha. (BETHELL, 2001)

Ao lado dos espanhóis nascidos na Europa, as famílias *criollas* (espanhóis nascidos na América) formavam a elite da colônia e controlavam o governo, o exército e a igreja. Os *criollos* se dividiam em donos de minas, comerciantes, proprietários de outros bens, advogados e outros indivíduos com outras formações. Estes últimos assumiam os cargos de escalão inferior no governo e nas igrejas. Todos juntos formavam o que costumamos chamar de burguesia. Mesmo pertencentes ao nível mais alto da hierarquia social e possuidores de imensos privilégios em relação ao restante da população, esses indivíduos se sentiam discriminados em relação aos espanhóis nascidos na península. (BETHELL, 2001)

No final do século XVIII, conforme a Nova Espanha desenvolvia-se economicamente, desenvolvia-se também a elite, bem como sua consciência política. Essa burguesia estava familiarizada especialmente com as ideias defendidas pelos filósofos da Ilustração, ideias que durante o período da independência foram transformadas por autores como Fray Sernante, Teresa de Mier e Carlos Maria Bustamante num nacionalismo “antiespanhol amadurecido”. (BETHELL, 2001)

Enquanto os componentes da elite amadureciam suas ideias contra o sistema a que eram subordinados, do outro lado, de forma não tão conscientemente política, mas também vivenciando os reflexos desse sistema, os índios e os mestiços também queriam “liberdade”. Excluídos de cargos públicos e eclesiásticos, limitados em sua

mobilidade social e proibidos de praticar profissões destinadas às classes mais altas, esses indivíduos tinham que pagar pesados impostos, eram constantemente assolados pelas epidemias e por fatores climáticos que de uma forma ou de outra desmantelavam sua população.

Foi nesse contexto de tensões sociais e econômicas que aconteceram as mobilizações para a independência da Nova Espanha e o nascimento da nação mexicana. Num primeiro momento, a elite da colônia não desejava a independência, mas sim a autonomia governamental. Diante do contexto em que se encontrava a Espanha nos últimos anos da primeira década do século XX, o *cabildo* (conselho da cidade do México), em sua maioria *criolla*, decidiu que o vice-rei José de Iturrigaray deveria assumir o controle direto do governo em nome de Fernando VII (rei da Espanha) e dos representantes do povo. Essa decisão, que ocorreu no dia 15 de julho de 1808, configurou-se como um pedido de autonomia governamental num contexto histórico de três séculos de poder absolutista. Esse plano era defendido em maior parte por crioulos, mas significava uma afronta ao rei, segundo os *hacendados*, donos de minas e comerciantes nascidos na Espanha. Os membros do partido dos absolutistas acreditavam que a autonomia levaria consequentemente à revolução e decidiram então que deveriam afastar o vice-rei. Durante os dois anos seguintes seus substitutos nada fizeram em relação ao descontentamento dos *criollos* e das classes baixas. Foi a repressão do impulso autonomista de 1808 que resultou na insurreição de 1810. (BETHELL, 2001)

Foi no Bagío, uma região desenvolvida e rica da Nova Espanha, e por esse motivo também palco de grandes pressões sociais, que se iniciou a revolta pela independência. Miguel Hidalgo proferiu em setembro de 1810 o *Grito de Dolores*, pelo qual convocou índios e mestiços a se reunirem num levante. Num primeiro momento desejavam defender a religião, abolir o jugo do domínio espanhol e acabar com os tributos, entre outras pequenas reivindicações. Posteriormente, Hidalgo passou a exigir a independência, a abolição da escravatura e a devolução de terras aos indígenas. A revolta foi desencadeada em nome do rei da Espanha e da Virgem de Guadalupe. Embora a meta de Hidalgo fosse a revolução, ele não conseguia passar claramente essa ideia com suas propostas. No decorrer do movimento a revolta assumiu um caráter violento e o resguardo de outros desejosos da independência. O despreparo dos rebeldes levou-os à derrota e ao fuzilamento de seu líder Miguel Hidalgo, em 30 de julho de 1811. (BETHELL, 2001)

As lembranças da revolta comandada por Hidalgo assustavam, mas não foram suficientes para sufocá-la. Outros líderes a assumiram, entre eles o padre José Maria Morelos (que até 1815 representou a principal ameaça ao governo espanhol) e Ignacio López Rayón – chefes do comando geral. Foram muitas as cidades conquistadas pelos rebeldes, e conforme se desenvolviam as lutas, o movimento tornava mais claro em seus objetivos, a independência. No Congresso de Chilpancingo os revolucionários buscavam constituir um tipo de governo que pudesse ter o reconhecimento das potências estrangeiras. Em seis de novembro de 1813, o Congresso proclamou a independência; porém, por questões internas e externas não se firmava quanto à sua sede, não decidia onde ela se localizaria. Assim, o Congresso percorreu várias cidades, especialmente para fugir das forças militares. (BETHELL, 2001)

Durante o período de lutas pela independência, entre 1810 a 1814, foi criado um programa de reforma liberal das cortes espanholas, em que os vice-reis foram convertidos em chefes políticos. Tal programa e suas medidas deram inicialmente aos *criollos* do México a impressão de que suas reivindicações seriam atendidas. Assim, em

1811, os deputados mexicanos assumiram a chefia da representação americana nas cortes. Um total de 13 deputados se submeteu a avaliar as propostas da independência e criar soluções. Entre outras reivindicações, eles propuseram uma espécie de comunidade de estados autônomos, mas não tiveram nem uma reivindicação aceita pelas cortes. Os *criollos* acabaram por assimilar que as cortes não eram menos imperialistas que os governos anteriores. Com a queda do domínio francês na Espanha, em 1814, uma série de decretos restaurou o governo às condições de 1808. (BETHELL, 2001)

Era o governo vice-real que tentava combater os revolucionários, em momento algum a Espanha participou efetivamente dessa luta. Entre os anos de 1812 e 1817, mais de 8.000 homens chegaram a Nova Espanha para juntar-se à força militar. Em 1820 eram 85 mil soldados. A força revolucionária continuava a ser formada pelos *criollos* e pelos mestiços.

Em fevereiro de 1821, Agustín Iturbide aliou-se a Guerrero, formulou o “Plano de Iguala” e na cidade de Iguala proclamou a independência do México. Em 1822, Iturbide proclamou-se imperador, sendo deposto logo em seguida, num levante republicano. Em 1824, o México tornou-se efetivamente independente. A guerra da independência no México não foi um conflito desequilibrado, predeterminado, foi uma luta em que a nação se via dividida, foi uma guerra civil revolucionária. (BETHELL, 2001)

SEÇÃO 4

A Independência da América do Sul

No final do ano de 1808, diante da delicada situação em que se encontrava a monarquia espanhola, foi instituída em Sevilha uma Junta Central, uma forma de governo autônomo que alegava governar com base na soberania popular. Esse modelo de governo foi visto com bons olhos pelas colônias espanholas na América, que a entendiam como uma forma de combate e de resistência aos franceses. Porém, quanto à pretensão da junta em governar as colônias além-mar, esta foi questionada, especialmente por aqueles que acreditavam que assim como as províncias na Espanha, as colônias americanas também tinham o direito de criar seus próprios órgãos de governo. (BETHELL, 2001)

Como você pode perceber, autonomia era o grande objetivo de todas as colônias espanholas na América. A crise na monarquia espanhola soou nessas colônias como um momento de busca pela própria autonomia. Entretanto, podemos argumentar que, em algumas regiões, os primeiros movimentos que acarretaram posteriormente a luta pela autonomia foram bem mais para a resolução de problemas políticos e sociais de que, propriamente, para a libertação do domínio espanhol.

As primeiras manifestações na tentativa de constituição de juntas na América do Sul aconteceram em Montevidéu e em Buenos Aires. Ambas tinham como alvo principal a derrubada do poder do então vice-rei Liniers, e não essencialmente a constituição de uma unidade de governo. (BETHELL, 2001)

A capital da Venezuela, Caracas, também teve uma tentativa de constituição de uma junta de governo. As Casas de Comércio controladas pelos espanhóis

orientavam que a Venezuela continuasse a comercializar unicamente com Cadiz, opondo-se a qualquer liberalização comercial. Acontece que havia alguns membros da Venezuela que eram favoráveis à livre comercialização com outros países. O resultado dessa contradição foi que, em novembro de 1808, quando um grupo proeminente – em que se incluíam dois condes e um marquês – reivindicou a abertura de uma junta governamental, a resposta foi uma série de prisões e detenções. Ninguém foi punido com rigor, porém a ação pôs o capitão-general sob vigilância. Dessa forma, até 1810 ele conseguiu reprimir as ações contrárias ao governo espanhol. (BETHELL, 2001)

No Alto Peru (atual Bolívia) os revolucionários da capital Chuquisaca tiveram mais sucesso em suas reivindicações e conseguiram constituir uma junta governamental. A Junta de Chuquisaca foi criada por disputas internas. Os juízes da audiência desejavam manter a tradicional relação entre as colônias e a Espanha, porém não conseguiam entrar em acordo de como isso deveria ser feito. Por isso, em 26 de maio de 1809, eles depuseram o presidente, assumiram o poder e juraram lealdade ao rei espanhol (Fernando). Novamente, embora as verdadeiras intenções de busca por autonomia estivessem lá, ainda que camufladas, elas não se revelaram. A junta conseguiu apoio de um pequeno grupo de profissionais liberais descontentes, entre eles o argentino Bernardo de Monteagudo, que mais tarde foi o braço direito do libertador San Martín.

Os rumores dos acontecimentos no Alto Peru chegaram à região de La Paz e assim, dois meses depois, La Paz também criou sua junta. Quito também teve a sua, em 10 de agosto de 1809, embora tenha sido desfeita em novembro do mesmo ano. (BETHELL, 2001)

A crise monárquica espanhola deu vida aos anseios de mudanças nas colônias, e embora algumas tentativas de autonomia tenham sido realizadas, o fato é que até 1810 em nenhum lugar elas haviam sido instauradas com sucesso. Porém, novamente foram os acontecimentos na Espanha que deram vivacidade aos movimentos de independência na América espanhola.

Uma sucessão de vitórias francesas aboliu a grande maioria dos centros de resistência nacionalista espanhola, entre eles a Junta Central de Sevilha, que acabou por dissolver-se. Em seu lugar foi criado o Conselho de Regência, que entre outras tarefas deveria organizar as cortes com representantes de todo o império.

Tais acontecimentos revelavam a incerteza de que a independência total e a estabilidade política da Espanha aconteceriam num futuro próximo, mas deu aos criollos da América um renovado anseio de ter nas mãos a oportunidade de resolver seus conflitos sem ter que responder ou pedir a permissão espanhola.

Os movimentos de independência tomaram novo fôlego e começaram a se constituir em bases mais fortes a partir de 1810. Em 25 de maio de 1810, foi criada a junta governamental de Buenos Aires, a qual não incluía o vice-rei e era presidida pelo coronel Cornélio Saavedra. A junta jurou fidelidade a Fernando, mas não ao Conselho de Regência, e reivindicou autonomia sobre o restante do vice-reino. (BETHELL, 2001)

Embora fosse caracterizada como uma sociedade agrária estática, com uma população esparsa e com certo atraso, o Chile seguiu o exemplo de Buenos Aires. Sua primeira reação à crise espanhola de 1808 foi manifestar lealdade ao rei espanhol, porém as dúvidas sobre esse posicionamento foram aumentando no decorrer do tempo. E assim, em 18 de setembro de 1810, foi criado em Santiago um

cabildo abierto que deu ao Chile a sua junta governamental. (BETHELL, 2001)

A junta chilena adotou algumas medidas como a abertura dos portos ao comércio internacional e a convocação de eleição para um congresso. Juan Martinez de Rozas era o principal representante do congresso, porém, diante de sua relação conflitante com outros congressistas, retirou-se para a cidade de Concepción e seu posto foi assumido por José Miguel Carrera. A primeira medida de Carrera foi afastar os elementos mais conservadores do congresso, abrindo caminho para uma série de medidas progressistas, como a lei do nascimento livre. Antes do fim de 1811, ele havia dissolvido o congresso e se tornado ditador do Chile. (BETHELL, 2001)

Em 1813, enquanto Carrera estava ausente de seu posto e no comando de uma ação contra invasores, a junta que ele criara em Santiago o depôs do posto em benefício de Bernardo O'Higgins. Este também não obteve sucesso em suas ações e em 1814 concordou em celebrar um armistício que concedia ao Chile uma autonomia limitada sob o domínio espanhol. O armistício nunca chegou a ser ratificado formalmente. José Miguel Carrera tentou com um novo golpe retomar o poder, mas fracassou. Esses conflitos contribuíram para a retomada de poder do governo espanhol e fuga desses e de outros revolucionários. (BETHELL, 2001)

Em 1817 San Martin chegou ao Chile e o conquistou. Em uma assembleia improvisada, ele recebeu o governo do Chile, entretanto repassou-o para Bernardo O'Higgins, que havia se juntado ao seu exército. San Martin tinha outros planos, dentre eles obter a independência do Peru, façanha que conseguiu em 28 de julho de 1821, quando se tornou governador provisório. (BETHELL, 2001)



Imagem 03. A Carga de O'Higgins", um dos principais atores da independência do Chile
Fonte: <http://decentrosul.edunet.sp.gov.br/Site%20OP/fundadores.htm>



Síntese

Nesta unidade você pode perceber que o processo de independência na América Latina nasceu do desejo das colônias em adquirir junto à coroa espanhola uma maior autonomia administrativa e política. Foi um movimento que desencadeou uma luta armada e que conforme os resultados foram se tornando positivos, foi agregando grupos com ideias revolucionárias em várias regiões da América Latina. Regiões com características diferentes, mas que se uniram num ideal comum, a independência.



Saiba mais

Sugestões de leitura:

- A formação das nações latino-americanas. Maria Lígia Prado. Campinas: Atual, 1985.
- La independencia de México. Ernesto de la Torre Villar. México: Fondo de Cultura Económica (Colecciones Mapfre 1492), 1992.
- La independencia del Peru. José A. de la Puente Candamo. Madri: Editorial Mafre, 1992.



Atividades

Identifique as semelhanças e diferenças entre os movimentos de independências tratados nesta unidade.

